

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: PERCEPÇÕES DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA

LITERACY AND LITERACY: PERCEPTIONS OF PEDAGOGICAL ACTIVITY

Fábio Pascoal de Oliveira

Pedagogo. Especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa com habilitação em Educação Inclusiva. Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. Email: fabio.p_o@hotmail.com

Jackeline Rossane Garcia de Freitas

Pedagoga. Especialista em Neuropedagogia Aplicada a Educação, pela Faculdade da Academia Brasileira de Educação e Cultura Ltda. Graduada em Licenciatura Plena em Matemática, pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. Jackelinemat2019@gmail.com

Igor Junqueira Cabral

Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC-GO
Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás, UFG. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de Tecnologia e Educação de Goiás.
Igorcabral.brasil@gmail.com

RESUMO: A presente pesquisa apresenta como objetivo expressar os significados do processo de alfabetização e do processo de letramento, mostrando a especificidade de cada um e a importância da conciliação entre ambos, no processo de aprendizagem escolar que, por sua vez, possibilita à criança condições para o exercício da cidadania por meio da organização do ensino e suas respectivas metodologias e didáticas. Neste contexto educacional é propiciado para a criança o desenvolvimento da leitura, a escrita e a comunicação. Para a fundamentação do texto, apresentamos referencial teórico de estudos relacionados ao conceito de alfabetização e letramento, discutindo também sobre o método de alfabetização através da notação. Partimos do ponto de reflexão que letramento vai além do ler e escrever, compreendendo que este tem sua função social, enquanto a alfabetização encarrega-se em preparar o indivíduo para a leitura e um desenvolvimento maior do letramento do sujeito. Para a discussão do trabalho, recorreremos a metodologia de uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Marconi e Revista Científica FAI. ISSN 2526-6225. Volume 6, Número 2, ano 2021/agosto a dezembro

Lakatos (2001) e Gil (2009), proporciona ao pesquisador o contato com os escritos acerca do tema escolhido, favorecendo a pesquisa e a análise das informações.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Ensino.

ABSTRACT: The present research aims to express the meanings of the literacy process and the literacy process, showing the specificity of each one and the importance of reconciling them both in the school learning process, which, in turn, enables the child to exercise conditions of citizenship through the organization of teaching and its respective methodologies and didactics, in this educational context the child is encouraged to develop reading, writing and communication. To support the text, we present a theoretical framework for studies related to the concept of literacy and literacy, also discussing the method of literacy through notation. We start from the point of reflection that literacy goes beyond reading and writing, understanding that it has its social function, while literacy is in charge of preparing the individual for reading and a greater development of the subject's literacy. For the discussion of the work, we used the methodology of a bibliographic research, which according to Marconi and Lakatos (2001) and Gil (2009), with contact with the writings about the chosen theme, favoring the research and analysis of information.

Keywords: Literacy. Literacy. Teaching.

INTRODUÇÃO

Ao discutirmos o processo de alfabetização é primordial que possamos desenvolver um olhar amplo e minucioso dos quesitos pedagógicos e didáticos que contemplam e efetivam o aprendizado de milhares de pessoas frente ao desenvolvimento da leitura e a escrita.

Dentre as inquietações que conglomeram a efetivação da alfabetização na promoção do ensino, percebe-se o uso dos métodos como, o tradicional que engloba o analítico e sintético, e construtivista. A dúvida é, qual deles seria mais indicado para alfabetizar, criar alunos capazes de construir seu próprio conhecimento, ser participante e crítico na sociedade.

A princípio é relevante destacarmos que a promoção da alfabetização contempla a promoção de ensino que vão muito além da leitura e da escrita, buscando também formar alunos críticos e capazes de interagir na sociedade, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos.

Em outra perspectiva, mas não obstante é de extrema relevância discutirmos a complexidade do processo de alfabetização e letramento compreendendo estes como fenômenos distintos, porém, inseparáveis, pois o processo de alfabetização deverá ser na perspectiva do letramento, propiciando ao aprendiz, por intermédio de uma postura política, alfabetizar-se e letrar-se, simultaneamente (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAES, 2007).

Neste sentido, apresentamos como objetivo expressar os significados do processo de alfabetização e do processo de letramento, mostrando a especificidade de cada um e a importância da conciliação entre ambos no processo de aprendizagem escolar que, por sua vez, possibilita a criança condições para o exercício da cidadania por meio da organização do ensino e suas respectivas metodologias e didáticas, propiciando a criança o desenvolvimento da leitura, a escrita e a comunicação.

1. PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

É notório que o processo de alfabetização desempenha um papel fundamental no desenvolvimento estudantil da vida da criança, proporcionando às mesmas condições para o exercício da cidadania.

Nesta perspectiva, de acordo com Ferreiro (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. Onde, o educando infante não se comporta como um ser passivo que apenas absorve tudo aquilo que lhe é repassado. Ele também aprende através da observação, do diálogo, do jogo simbólico, construindo seu próprio mundo por meio da realidade que a sua mente consegue perceber.

A promoção da educação nacional tem como principal objetivo em suas diretrizes a efetivação do desenvolvimento dos educandos, de maneira que as atividades desenvolvidas em âmbito escolar propiciem preparo para o convívio social, profissional e ainda o desempenho da cidadania, garantia prevista no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Neste sentido, a redação da lei prevê que o ambiente educacional deva assegurar que a acessão de ensino seja promovida de forma efetiva garantindo uma educação de qualidade, de forma que as atividades desenvolvidas promovam a interação entre a

Revista Científica FAI. ISSN 2526-6225. Volume 6, Número 2, ano 2021/agosto a dezembro

escola, os sujeitos envolvidos no processo juntamente com as práticas sociais, as quais, estão presentes no convívio da comunidade escolar.

De encontro com essa visão observemos a redação traga pelos PCNs:

Para a criança aprender a ler, portanto, é preciso que haja uma interação com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato: é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (1998, p.56)

De acordo com Libâneo (1998), é primordial que o âmbito escolar possibilite uma conexão entre a escola e o meio social estimulando assim, o aprender a aprender onde todos os sujeitos ensinam e aprendem ao mesmo tempo.

1.1. Conceito de alfabetização

De acordo com Soares (2007) o termo alfabetização, etimologicamente, significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita.

Em outra perspectiva, mas não obstante compartilhando da mesma ideia, a UNESCO (1999, p. 23), descreve alfabetização como:

conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação; em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. Existem milhões de pessoas, a maioria mulheres, que não têm a oportunidade de aprender (...) a Alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida.

É nesta compreensão que atualmente o conceito de alfabetização tem se diferenciado, significativamente, de anos atrás propondo diversos requisitos que antes não eram levados a sério.

Para Soares (2003) a alfabetização é a aprendizagem da técnica, domínio da escrita, da leitura e da relação que existe entre grafemas e fonemas, assim como dos

diferentes instrumentos de escrita. Ou seja, é um processo que vai muito além de decodificação de letras e sílabas.

Essa diferenciação de conceito de alfabetização é facilmente notado, tendo em vista que, por muito tempo, perdurou que estar alfabetizado era saber as letras, juntar sílabas e formar palavras. Nessa época se aprendia através da repetição de sons e era comum o uso das cartilhas nas escolas. É o que se chama, atualmente, de método sintético, principalmente utilizando a fonação e a soletração.

Reforçando essa perspectiva Vieira (2017), evidencia que nas décadas de 70 e 80 era utilizado, principalmente, como material para o desenvolvimento da alfabetização as cartilhas e/ou livros com leituras restritas que partiam de palavras-chave, principalmente substantivos e que priorizavam os métodos acima citados.

Na concepção de Vieira (2007) as cartilhas tidas como materiais didáticos utilizado na época buscavam promover uma orientação, num modelo de passo a passo, onde o processo de alfabetização era promovido inicialmente de lições mais simples para as mais complexas, e nessa propositura acreditava-se que todos os alunos conseguiriam desenvolver as mesmas habilidades e aprendizagens de leitura e escrita.

Dentre os métodos presentes na literatura e também utilizados na alfabetização, contemplam quatro tipos podendo ser caracterizados como, métodos tradicionais que abrangem o sintético e analítico e o método construtivista.

Em se tratando do método tradicional, este tem seu aprendizado de forma dividida, ou melhor, por partes. Primeiro aprende as vogais, depois as sílabas até chegar às palavras e as frases, para daí por diante construir textos. Como o que importa é a montagem silábica, e não o conteúdo, surge frases com poucos sentidos (SOARES, 2003).

No método tradicional a cartilha muitas vezes é o único material de trabalho, como mencionado anteriormente, os textos para leitura são curtos com frases simples desvinculados da linguagem oral, buscam o uso das sílabas já estudadas.

2. PERSPECTIVAS SOBRE O MÉTODO DE FONAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO

A fonação foi utilizada por muitos anos nas escolas como método de fonação para alfabetizar, acreditando-se ser a forma ideal de aprender, onde esta apresenta uma

relação de dependência da escrita com a oralidade, ou seja, a criança era ensinada a repetir as letras e as sílabas que eram ora oralizada, ora escrita pelos professores.

Na visão de Mortatti (2006), o método sintético e alfabético é dividido em fônico e silábico, de acordo com o elemento que o aluno teria que aprender, contanto que em qualquer desses a criança aprende com o elemento de forma isolada.

De forma mais específica Caglari (1998), relata que no método sintético o estudante decorava o alfabeto e utilizava os nomes das letras como base, como por exemplo: a de avião, b de bola, e assim por diante. Com a utilização desse método não percebia-se os equívocos, principalmente pelo fato que se tinha a parte para chegar no global e não do global para chegar nas partes como sugere o método da notação.

Nos estudos de Charmeux (1995) a inversão realizada trouxe aos alunos alfabetizados, com esse método, problemas graves que se estende até hoje, principalmente, no que diz respeito a escrita gráfica, uma vez que aprendem a escrever como leem e também no que diz respeito a interpretação de textos, já que aprendem a partir de palavras soltas, descontextualizadas, daí as críticas ao uso das cartilhas nas escolas.

Também presente no método tradicional, o ensino analítico apresenta como objetivo principal, desenvolver, nas crianças, a compreensão e o sentido de um texto. Não ensina a leitura através da silabação, incentiva os alunos a produção de textos prestando atenção ao uso da pontuação, estimula a leitura e deixa o aluno à vontade para expor suas ideias. Este método ajuda a criança no desenvolvimento e organização de seus pensamentos.

Para os autores, Ferreiro e Teberosky (1995) o método analítico de aprendizagem na alfabetização, como também é conhecido, trata desse processo como algo muito maior que a decodificação de letras e sílabas. Ele trata do reconhecimento das palavras e orações como um todo, para depois tratar dos componentes.

Apesar dos métodos sintético e analítico, apresentarem diferenças, ainda assim, dispõem de semelhanças no processo de alfabetizar. Para compreendermos melhor essa diferenciação temos que, o sintético possui como base o Behaviorismo, utilizando-se no processo de ensino procedimentos que partem de unidades menores para chegar a unidades maiores (da parte individual para o todo), de modo que primeiramente é trabalhado o desenvolvimento das letras, os sons das letras ou as sílabas (SEBRA e DIAS, 2011).

De forma mais específica Sebra e Dias (2011), delineiam que no método sintético a apresentação da proposta pode ocorrer tanto uma ordem específica quanto sem uma sequência determinada, neste pressuposto a introdução das unidades mínimas, ensina-se a sua síntese em unidades maiores, formando sílabas, palavras, frases e, finalmente, textos.

Já o método analítico desenvolve a partir da teoria do “sincretismo infantil” referenciada na teoria de Gestalt que propõe uma aprendizagem que acontece através de insight. De forma muito precisa Sebra e Dias (2011) apresenta que neste método em específico (analítico) as unidades apresentadas inicialmente são unidades de significado, sejam elas palavras, frases ou textos.

O objetivo do método analítico é substantivado em provocar nas crianças a compreensão do sentido de um texto, deste modo não se ensina a leitura através da silabação, mas incentiva os alunos a produção de textos prestando atenção ao uso da pontuação, estimula a leitura provocando no educando a liberdade para expor suas ponderações. Através dessas atividades o método auxilia a criança a desenvolver a organização de seus pensamentos.

Sebra e Dias (2011) explicam que os métodos analíticos partem de unidades maiores, sem um foco primário sobre as unidades menores (do todo para a parte).

Nesta perspectiva, a unidade mínima de análise promovida na relação entre a fala e escrita condiz a menor unidade estabelecendo uma relação explícita com a fala. Neste sentido, o processo refere-se ao segmento da fala, que é oralizado ou verbalizado pelo docente mediador.

De forma mais específica, o desenvolvimento da proposta pode apresentar sílabas escritas e provocar o correspondente falados das sílabas, ou seja, a leitura da sílaba, “em relação à unidade mínima de análise na relação entre fala e escrita, há os métodos global (unidade mínima é a palavra), silábico (unidade mínima é a sílaba) e fônico ou fonético (unidade mínima é o fonema)” (SEBRA; DIAS, p. 307).

Conquanto, assim como no método de fonação, esse também trabalha com elementos isolados, só que dessa vez, através da leitura de palavras, colaborando assim para a decoreção, e assim como no anterior, prejudicando a interpretação do texto. Neste sentido, ambos os métodos até aqui se assemelham na sua forma de alfabetizar, por supervalorizar a oralização e a escrita em detrimento a compreensão do texto.

Conforme os registros da literatura, nos anos 80 os métodos sintéticos e analíticos começaram a serem criticados sob diferentes olhares e perspectivas, e os educadores e estudiosos da época passaram a repensar o processo de alfabetização num prisma diferente, buscando um ensino pleno e efetivo frente as demandas educacionais.

Foi nessas reflexões que uma nova forma de alfabetizar começou a ganhar força, principalmente com a chegada do construtivismo, que mesmo não sendo entendido inicialmente de forma correta por alguns educadores, propiciou um novo rumo à educação.

Trazendo a importância do construtivismo, Soares (2003), evidencia que esse método trouxe uma significativa mudança de pressupostos e objetivos na área da alfabetização, porque alterou fundamentalmente a concepção do processo de aprendizagem e apagou a distinção entre aprendizagem do sistema de escrita e práticas efetivas de leitura e de escrita.

Com essa nova percepção, desenvolveu-se diferentes entendimentos do processo de ensino aprendizagem e de seus atores (estudantes). Dentre as concepções destaca-se que os educandos passaram a serem compreendidos como um ser pensante, podendo e devendo alcançar diferentes aprendizagens que ultrapassam o mero decorar de palavras, devendo desenvolver habilidades e estratégias que possam contemplar uma alfabetização onde os alunos não somente decodifiquem as letras, sílabas e palavras, mas que entendam o que elas representam, o que elas notam.

O método construtivista surgiu no século XX, a partir das experiências do biólogo, filósofo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), sobre a construção do conhecimento, afirmando que este é o resultado da construção do próprio indivíduo. Essas conclusões são derivadas das suas pesquisas sobre “a origem e evolução da inteligência” que também se constrói na interação do sujeito com o mundo, considerando os fatores biológicos, experiências físicas, a troca social, e os processos de equilíbrio e desequilíbrio (NIEMANN, BRANDOLI, 2012).

Ademais, o método construtivista é um dos mais indicados e usados para a promoção da alfabetização, pois possibilita que as próprias crianças construam seus conhecimentos de acordo com seu desenvolvimento cognitivo. Pode ser aplicado de forma individual ou coletiva, trabalha com o conhecimento que a criança traz para escola, faz a união da língua falada, escrita e a leitura em um único processo, e pode ser aplicado a qualquer criança.

Trazendo uma visão importante Becker (1994, p. 89) evidencia que a concepção construtivista a educação é concebida como “um processo de construção de conhecimento ao qual acorrem, em condição de complementaridade, por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído”.

Dentre as vantagens presentes no método construtivista, pode evidenciar o incentivo instigado no educando para expressar o que sente, e a escrever e falar o que pensa, desperta a curiosidade e leva o aluno a buscar soluções para resolução de seus problemas, tornando-o um aluno crítico e capaz de responder pelos seus atos.

Estimula também o ato da leitura e escrita, trabalha com a língua escrita com todas as dificuldades que nela existe a partir da produção de texto do próprio aluno. No processo de aprendizagem da escrita não exige a ortografia e a sintaxe perfeita, dá valor à interação dos alunos em grupo, enfim, o método construtivista, não tem uma regra básica a ser seguida, pois parte da ideia de que o ensino tem que se basear na vivência de vida que o aluno trás para a escola (BECKER, 1994).

3. ELO ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Ao tratarmos do processo de alfabetização e seus respectivos métodos de ensino, é relevante destacar que juntamente com a alfabetização tem-se o letramento que, por sua vez, são concretizados juntos, existindo um elo entre ambos, contribuindo para a reflexão sobre novas possibilidades de ação pedagógica com a linguagem verbal, na perspectiva de repensarem-se metodologias de trabalho que favoreçam a construção crítica e a formação de sujeitos letrados. Reforçando esse raciocínio Kleiman (2005, p. 11), nos diz que, “o letramento não é alfabetização, mas a incluem”.

O surgimento do letramento tem envolvido, conotado no conceito de alfabetização, o que tem levado a uma interpretação errônea desses dois procedimentos, sendo que o conceito de letramento prevalece sobre o de alfabetização, não se podendo separar os dois processos, pois a princípio o estudo do aluno no universo da língua escrita se dá justamente por meio desses dois processos: a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades da leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento.

Na concepção de Diogo e Gorette (2011, p. 6) ao discutirem uma possível aliança entre Alfabetização e Letramento explicam que:

O sujeito letrado que já possui seus conhecimentos prévios, com um determinado ponto de vista, quando alfabetizado, pode modificar seus pensamentos, ampliando-os de forma que passa a refletir criticamente sobre a prática social.

Neste pressuposto, a alfabetização se caracteriza da aquisição da escrita pelo indivíduo, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, denotado por Vygotsky (2007, p.134) onde a criança deve ver a escrita como momento natural de seu desenvolvimento e não como treinamento imposto de fora para dentro: "o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas a escrita das letras".

Contribuindo para discussão Rios e Libâneo (2009, p. 33) “a alfabetização e o letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”.

Ainda apresentando significados diferentes, alfabetização e letramento ambos devem ter como início da aprendizagem da escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes de caráter prático em relação ao aprendizado; entendendo que a alfabetização e letramento, devem ter tratamento metodológico diferente e com isso alcançar o sucesso no ensino aprendizagem da língua escrita, falada e contextualizada (SOARES, 2007).

Na concepção de Soares (2004), o letramento pode ser facilmente definido como processo em que o indivíduo informa-se através da leitura, não restritamente pelo que está escrito, mas quando, por exemplo, uma pessoa identifica uma placa de pare, ou um sinal de proibido fumar, ou um sinal indicando silêncio, mesmo não sendo alfabetizada, isso é letramento.

Nesse mesmo sentido, Soares (2004a, p.24), ainda afirma que:

Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Segundo o dicionário Aurélio, letrado é aquele “versado em letras, erudito”, enquanto que iletrado é “aquele que não tem conhecimentos literários” e também o “analfabeto ou quase analfabeto”.

A efetivação de um processo educacional que contemple o elo entre alfabetização e letramento possibilita o desenvolvimento de uma aprendizagem que contemple os valores social e cultural, onde a criança constrói aprendizados que são utilizados e dialogados com as demandas cotidianas, ou seja, os conhecimentos abarcados no contexto educativo devem ter a sua aplicabilidade junto às atividades sociais do sujeito, e também considerando o contexto histórico e social do aluno. (KLEIMAN, 2001)

Contribuindo com essa linha de pensamento Paulo Freire (1976), ao descrever suas experiências, enquanto educador e pesquisador, ressalta que ser alfabetizado é um processo que torna o indivíduo capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la, promovendo um elo de interação entre os conhecimentos e habilidades desenvolvidas com a sua realidade social e cultural.

Segundo Magda Soares (2003, p. 5), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” Para tanto, cuidados serão necessários ao conduzir a alfabetização.

Do mesmo modo, para Vygotsky (1984, p.21),

O letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa de elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”, tais como raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas, etc.

Conforme evidenciado por vários autores e estudos, o letramento é um processo complexo, que não pode ser interpretado com método de alfabetização e sim concebido como prática de ensino, que desperte nos aprendizes a condição de sistematizar as finalidades do que está sendo ensinado na escola.

Compreendendo que o letramento vai além do ler e escrever, ele tem sua função social, enquanto a alfabetização encarrega-se em preparar o indivíduo para a leitura em um desenvolvimento maior do letramento do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância que os processos de alfabetização e letramento apresentam para que os alunos sintam-se acolhidos e instigados a participarem do contexto escolar é primordial que as instituições, profissionais do ensino e de maneira geral, a sociedade apresente um olhar mais preciso, pautado para este trabalho que é realizado ainda nos primeiros contatos do aluno com a escola. É no ambiente escolar, social e familiar que a criança desenvolve e aprende ao mesmo tempo.

Um outro fator importante a ser ressaltado, é que a comunidade escolar compreenda que apesar da alfabetização e letramento terem conceituação diferentes, ambas desenvolvem conjuntamente, envolvendo não apenas desenvolvimento e compreensão de leitura e escrita, mas também o desenvolvimento social e cognitivo, que estão diretamente ligados com o contexto em que o sujeito está inserido.

Nesta diapasão, é relevante destacarmos que a promoção da alfabetização contempla a promoção de ensino que vão muito além da leitura e da escrita, buscando também formar alunos críticos e capazes de interagir na sociedade, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos.

Em outro prisma, é essencial, que haja discussões sobre o tema alfabetização e letramento nos cursos de formação de docentes e nos cursos ou reuniões de formação continuada, de modo que gerem reflexões sobre o tema e a prática docente, buscando soluções para problemas específicos da alfabetização e procurando desenvolver os profissionais e as instituições de ensino para que a educação tenha cada vez mais qualidade.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. *O que é o Construtivismo? Ideias*. 20. São Paulo: FDE, 1994. p. 87-93. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf Acesso em: 20 de janeiro 2021.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/S

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso 10 novembro 2020.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU*. São Paulo: Scipione, 1998.

CHARMEUX, E. *Aprender a ler: vencendo o fracasso*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DIOGO, Emilli Moreira. GORETTE, Milena da Silva. Letramento E Alfabetização: Uma Prática Pedagógica De Qualidade. 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5806_2767.pdf. Acessado em: 21 de janeiro de 2021.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KLEIMAN, Angela B, *OS significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. São Paulo, Contexto, 2005.

MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: UNESP, 2006.

FERREIRO, Emilia. *Com Todas as Letras*. São Paulo: Cortez, 1996. 102p v.2

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes. *Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica*. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro (orgs.). *Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para inclusão da criança de seis anos*. Brasília: MEC/SEB, 2007.

LEITE, Robério Bezerra. SOUZA, João Paulo Nogueira de Souza. *Alfabetização nos dias atuais: o que mudou dos métodos antigos para os que utilizamos hoje*. Disponível em: <https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/educacao/alfabetizacao-nos-dias-atuais-mudou-dos-metodos-antigos-para-que-utilizamos-hoje.htm>. Acesso em: 01 de janeiro de 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1998.

NIEMANN, Flávia de Andrade. BRANDOLI, Fernanda. *Jean Piaget: um aporte teórico para o construtivismo e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e da Matemática*. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/paper/viewFile/770/71>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

SEBRA, Alessandra Gotuzo. DIAS, Natália Martins. *Métodos de Alfabetização: Delimitação de Procedimentos e Considerações para uma Prática Eficaz*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n87/11.pdf> Acesso em: 01 de janeiro de 2021.

RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Márcia. *Da escola para casa: alfabetização*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Magda Becker. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/26/outros-textos/semagdsoares.doc>, Magda Becker. *Leitura e escrita*. 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas, 2003.

SOARES, Magda, *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

SOARES, Magda. *Letramento e escolarização*. In: *Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001* (org.) Vera Massagão Ribeiro – 2ª Ed. – São Paulo, Global, 2004.

_____. *Alfabetização e letramento*. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

UNESCO. *Conferência Internacional de EJA*. Alemanha, Hamburgo, 1999.

VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. *Cartilhas de alfabetização no Brasil: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita*. Orientador: Prof. Dr. Cláudio Eduardo Félix dos Santos. Vitória da Conquista-BA, 2017.197f.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.*lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado*. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0358.pdf>
Acesso em: 15 outubro de 2020.